

MARCAS DA TRANSCULTURAÇÃO NA OBRA “DOIS IRMÃOS”, DE MILTON HATOUM

THE MARKS OF TRANSCULTURATION IN MILTON HATOUM'S NOVEL "TWO BROTHERS"

Antonio Carlos Pimentel Pinto Jr.*

RESUMO: A proposta deste trabalho é apontar a fusão cultural que atravessa a narrativa da obra “Dois irmãos”, do escritor amazonense Milton Hatoum. Descendente de imigrantes, Hatoum desenha um universo intercultural com marcas dos povos libanês e amazônico espargidas ao longo de todo o tecido textual. O conceito de transculturação servirá de parâmetro para este estudo, por compreender as transformações socioculturais decorrentes dos fluxos migratórios e a reelaboração da linguagem a partir da mistura de identidades.

Palavras-chave: literatura, linguagem, identidade, cultura, transculturação.

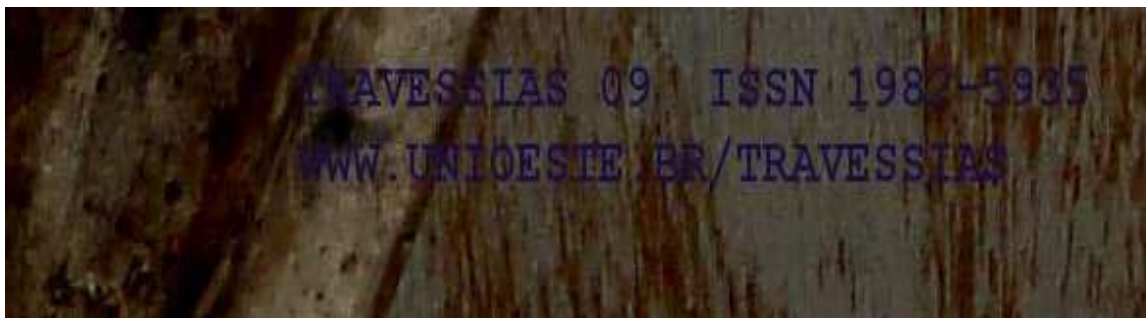
ABSTRACT: This work intends to present the cultural fusion which surrounds the narrative in Milton Hatoum’s novel “Dois irmãos”. Born in Amazonas, in the hart of amazon forest, and discended from lebanese imigrants, Hatoum draws up the lines of the intercultural universe recognized through evidences of lebanese and amazon marks along the textual material. The theoretical support, at first, will be the concept of transculturation, for comprehending the social e cultural changings demanded from the phenomenon of merging and converging cultures, and the construction of language as a consequence of this ethnoconvergence.

Key-words: literature, language, identity, culture, transculturation.

A voz das sociedades

A literatura carrega a voz das sociedades. Como expressão humana, a linguagem literária traduz os sentimentos e expõe as marcas da identidade de povos ao longo de sua

* Bacharel em Comunicação Social, jornalista e professor da Universidade da Amazônia (Unama). Especialista em Língua Portuguesa: uma abordagem textual e mestrando em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Artigo apresentado como trabalho de conclusão da disciplina Estudos de Literatura da Amazônia, do curso de mestrado, em dezembro de 2009. E-mail: tonga.carlos@gmail.com

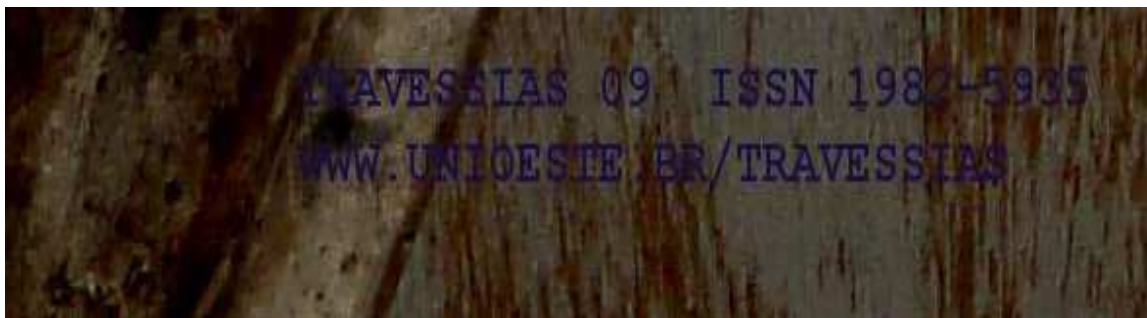


história e nas suas relações com outros povos. A reorganização geográfica que se seguiu à colonização, desde o período quinhentista, provocou mudanças radicais na constituição dos grupos sociais da periferia da metrópole europeia. O contato forçado pela ocupação, com efeito, plantou nos territórios antes inexplorados e selvagens sementes que geraram transformações radicais no conhecimento de mundo, nas interpretações da história e da cultura e na construção de signos linguísticos, particularmente no discurso literário de certos autores, de comunidades autóctones. A globalização imposta pelo capitalismo moderno acentuou o processo.

Descendente de libaneses radicados no coração da floresta amazônica, Milton Hatoum monta em “Dois Irmãos”, por meio da saga de uma família de imigrantes, o cenário para retratar esse fervente caldeirão de referências e imagens, de raízes antagônicas, que aproximam culturas distantes num jogo complexo que envolve assimilação, rejeição e choque na mesma medida em que comprova a inexorabilidade da reconstrução contextual. Tal processo de “transição” decorrente do cruzamento intercultural, notado pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz, implica não apenas o reconhecimento de uma cultura diferente, mas também o desaparecimento de registros originais.

Entendemos que el vocablo transculturación expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque éste no consiste solamente en adquirir una cultura, que es lo que a rigor indica la voz angloamericana *aculturación*, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o el desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial *desculturación*, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse *neoculturación*. (Apud. RAMA, 2007, p. 39)

Citando Bronislaw Malinowski, “o grande mestre contemporâneo da etnografia e da sociologia”, Ortiz sustenta que no enlace de culturas ocorre “o mesmo que na cópula genética dos indivíduos: a criança sempre tem algo de seus progenitores, mas sempre algo diferente de cada um dos dois”. Na sua totalidade, o processo é uma transculturação, e esse vocábulo compreende todas as fases da sua parábola, ensina Ortiz (1940). Muito mais do



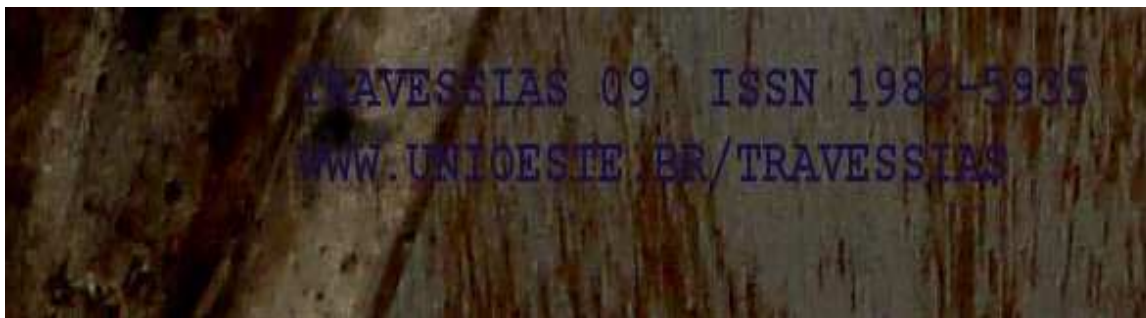
que verificar o trânsito de uma cultura para outra, com todas as suas repercussões sociais, num ritmo mais ou menos lento ou rápido, a transculturação expressa os variados fenômenos de transmutações de culturas que reorganizam práticas sociais porque mobilizam, ao longo do processo evolutivo de um povo, questões econômicas, institucionais, jurídicas, éticas, religiosas, artísticas, linguísticas, psicológicas, sexuais – enfim, todos os aspectos da vida.

A concepção de uma nova ordem cultural resultante do confronto entre grupos sociais distintos deve muito aos percursos da História. Tempo, espaço, condições de produção e experiências reordenam elementos essenciais das raízes dos indivíduos, fragmentados por deslocamentos, para dar suporte à apreensão de realidades conflitantes em busca de uma identidade renovada. No discurso, sobretudo no discurso literário, pela análise de texto, contexto e intertexto, a substantiva multiplicação de vozes que desvela a interação dialógica acende, também, os holofotes do palco multicultural.

O teórico russo Mikhail Bakhtin elaborou sua tese do dialogismo e da polifonia com base no conhecimento da consciência humana. Para Bakhtin, o território interno de cada indivíduo não é soberano. O discurso, diz, se firma no diálogo e se reconhece na multiplicidade de vozes.

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (...). Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo (BAKHTIN, 1992, p.378).

A alteridade está sempre presente nos postulados bakhtinianos. O discurso pressupõe a existência do outro e neste estabelece as bases da interação. “Entrar na corrente do diálogo é renunciar à fala monológica, que seduz o outro de modo autoritário e impede a manifestação do caráter de acontecimento que assume o conhecimento dialógico” (SOUZA, 2005, p.319). A linguagem, para Bakhtin, possui dimensões dialógica, alegórica e, não menos importante, polifônica. Tal polifonia se traduz como o discurso composto de outros discursos, porque toda fala é habitada por vozes diversas. Essas



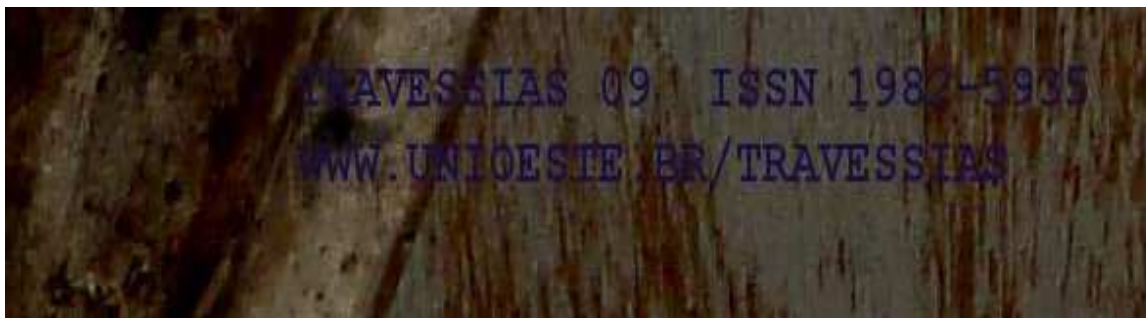
características são determinantes para a compreensão da complexa condição humana nos contextos sociais.

As ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humana, etc.) (BAKHTIN, 1992, p. 334).

A argumentação bakhtiniana se reforça no pensamento do teórico dos Estudos Culturais Raymond Williams. Ao abordar o fenômeno literário, Williams discorre que “(...) a novidade teórica crucial é o reconhecimento da ‘literatura’ como uma categoria social e histórica especializada. Deve ser claro que isso não lhe reduz a importância”. Exatamente por ser histórica, um conceito-chave de uma importante fase de uma cultura, constitui evidência decisiva de uma forma particular do desenvolvimento social da linguagem (WILLIAMS, 1979. p. 58). Ou, como Walter Benjamin ensina, o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado (BENJAMIN, 1994, p. 223).

A transculturação proposta por Ortiz e rerepresentada por Rama (2007) compreende a literatura latino-americana como resultado de uma dinâmica de importação e adaptação de padrões estéticos que extrapolam as fronteiras nacionais.

El discurso literario de la novela regionalista respondia basicamente a las estructuras cognoscitivas de la burguesia europea. (...) Al ser puesto em entredicho el discurso lógico-racional, se produce nuevamente el repliegue regionalista hacia sus fuentes locales, nutricias, y se abre el examen de las formas de esta cultura según sus ejercitantes tradicionales. Es una búsqueda de realimentación y pervivencia, extrayendo de la herancia cultural las contribuciones valederas, permanentes (RAMA, 2007, p. 61).



As manifestações narrativas, por conseguinte, atravessam as linhas do mapa geográfico para plantar as sementes de um regionalismo ao mesmo tempo único e diversificado, miscigenado, que se permite amplificar para dimensões cada vez mais universais pela própria natureza múltipla de sua constituição. O caldeirão da mistura ferve.

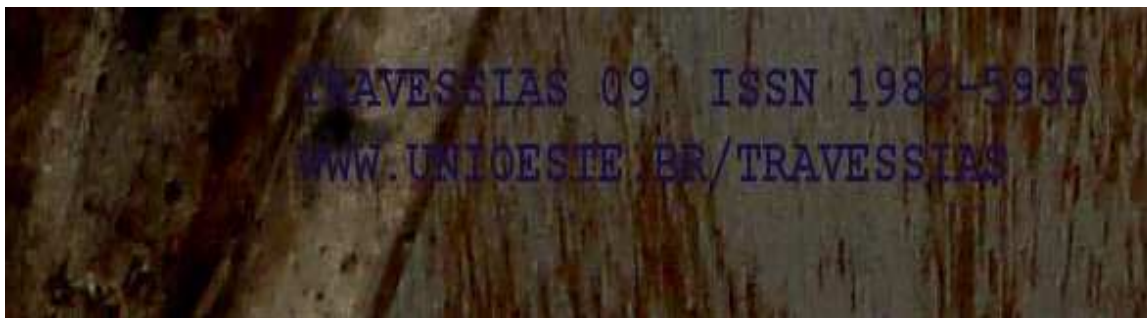
Saga e conflito: o local e o universal

O romance “Dois irmãos” narra a trajetória de uma família de imigrantes libaneses a partir das relações conflituosas entre gêmeos idênticos de personalidades antagônicas. Rivais entre si desde a infância, Omar e Yaqub percorrem uma senda histórica iniciada nos tempos difíceis da imigração até a consolidação da aculturação mal resolvida, cujas consequências se manifestam em tensas relações com o meio.

Nas linhas da expansão colonialista, surge a dicotomia do local e do universal. Isso coloca o homem social no meio do caminho entre dominar e ser dominado pelos valores e concepções do mundo de si e de outrem (FERNANDES, 2004, p. 112).

Essa questão se acentuou bem mais com o expansionismo colonialista europeu na Era Moderna. E diria até mais, com o advento das independências de países asiáticos, africanos e americanos essa questão adquiriu uma nova dimensão, a globalização econômica e a mundialização das culturas, que inauguraram uma fase: o Pós-colonialismo (FERNANDES, 2004, p.112).

Cimentado nas bases de uma disputa que retoma o texto bíblico, pela referência ao fratricida episódio de Caim e Abel, o enredo demonstra o choque entre a tradição e a modernidade. Omar e Yaqub travam ao longo da vida a batalha sem fim, aquela do mito em confronto com realidade, do passado versus presente. O primeiro, o Caçula, desvirtuoso mas amado, rebelde beberão, inadaptado, símbolo das referências perdidas nas veredas da aculturação, uma espécie de árabe-amazônida, galanteador como um boto,



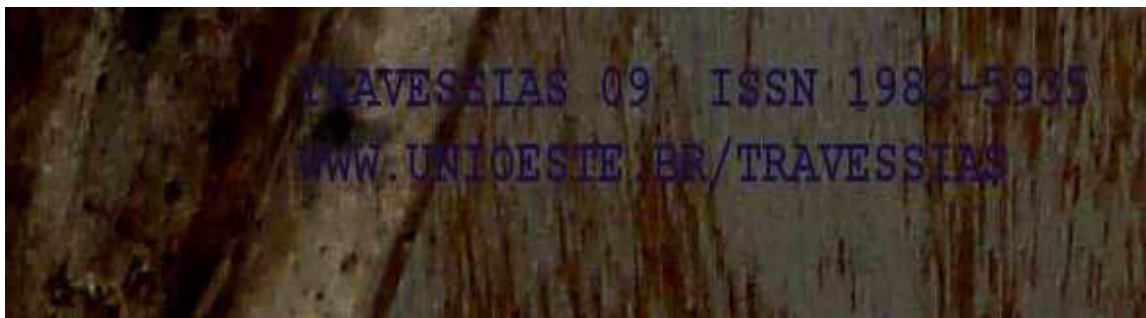
traduz, de maneira alegórica, o contato tempestuoso do homem com o que lhe parece estranho.

Zana foi a primeira a notar esse pendor do filho para o galanteio. Domingas também se deixava encantar por aquele olhar. Dizia: “Esse gêmeo tem olhão de boto; se deixar, ele leva todo mundo para o fundo do rio (HATOUM, 2000, p. 24)”.

O segundo, oficial da reserva, conservador, um bem-sucedido na terra alheia, deixou para trás os costumes rudes dos ancestrais de alhures e formou-se em engenharia, tornando-se senhor dos tempos modernos, avesso ao culto das reminiscências familiares e aos valores obsoletos que, para ele, obstruem o passo da sociedade arcaica para a contemporaneidade. Tais atitudes mal escondem a crise da identidade perdida, de quem reencontrou suas origens, por imposição paterna, e delas se desfez para abrir novos caminhos. Antes de se estabelecer em São Paulo, na metrópole brasileira, longe do coração da selva, “Yaqub partiu para o Líbano com os amigos do pai e regressou a Manaus cinco anos depois. Sozinho. Um rude, um pastor, um *ra'i* (HATOUM, 2000, p. 23).” Foi, viu e voltou. Agora para “vencer” conforme as regras do jogo capitalista.

Por trás da disputa que move os irmãos – “o duelo entre os gêmeos era uma centelha que prometia explodir (HATOUM, 2000, p. 46)” – estão os interiores de uma família dividida pelas misturas. Práticas culturais, crenças, hábitos alimentares e sexuais, jogos afetivos e relações comerciais se confundem no dia a dia, num contubérnio tumultuado por força de idiossincrasias e pelas influências de fatores externos em efervescência. Ademais, Halim, o pai, Zana, a mãe, Rânia, a irmã, Domingas, a empregada cunhantã, e o narrador Nael, filho bastardo de um dos gêmeos, convivem num ambiente de transformações sociais importantes, da europeização de Manaus no ciclo da borracha até a decadência pós-ditadura militar, passando pelas agruras da Segunda Guerra Mundial e pelos anos de expansão econômica da era JK.

As correntes religiosas se entrecortam. Doutrinas orientais, de árabes e cristãos maronitas, estes os católicos libaneses, aportam num contexto em que se desenrolam



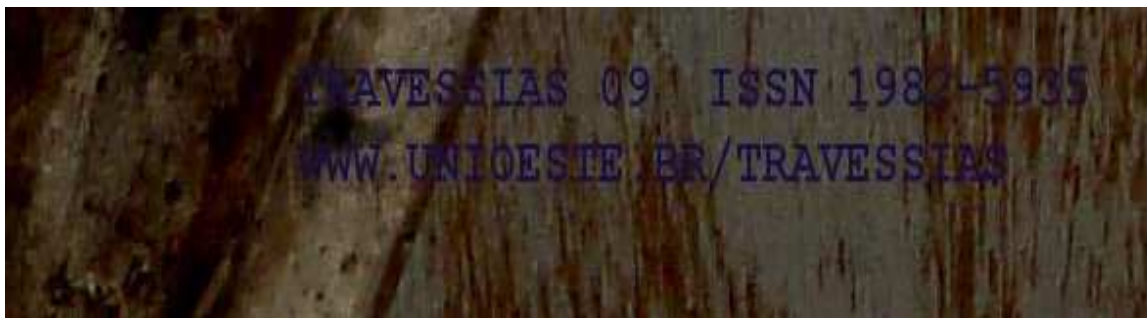
cruzadas evangelizadoras no seio de populações tradicionais. Zana recebeu a cunhantã Domingas de um orfanato das Irmãzinhas de Jesus. As duas, uma de Biblos, do Mediterrâneo, a outra dos esguios e labirínticos rios amazônicos, firmaram pactos nos votos da fé.

“(...) As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus.” Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar os opostos. O céu e a terra, a empregada e a patroa (HATOUM, 2000, p. 48).”

Nas festas, índios, árabes e cristãos saboreiam a diversidade. Como se, por um momento, movidos pela efusão primitiva, as diferenças evaporassem sob os pés dançarinos, no ritmo dos batuques e no calor das cantorias, transportando-os cada qual para o seu lugar. Com o *darbuk*, o tambor, o amigo Talib tocava para que as filhas Zahia e Nahda animassem as festas na casa dos gêmeos com os passos que acalantam o amor. Domingas celebrava seus cultos nos igarapés e sob as copas da árvores. Também recorda dos tempos em que acompanhava músicos e parentes longínquos nas cerimônias de casamento à beira do rio.

Domingas não se lembrava, mas o pai dizia: tua mãe nasceu em Santa Isabel, era bonita, dava risadas alegres nas festas do ajuri e nas noites dançantes era a mais bonita de todas. Um dia, bem cedinho, o pai saiu para cortar piaçaba e colher castanha. Era junho, véspera de São João, a canoa com a imagem do santo se aproximava do rio, os gambeiros batiam tambor, cantavam e pediam esmola para São João (HATOUM, 2000, p. 55).

À mesa, o pasto repõe os traços culturais. Pela voz das personagens, Hatoum apresenta as riquíssimas culinárias árabe e amazônica, com o tom descritivo que se de um lado jamais foge à sua propriedade ideológica, portanto nunca parecendo cognitivamente neutro (AHMAD, 2002, p. 87), de outro, e nesse caso não menos importante, sugere a



configuração de cenários regionais paralelos juntados na mesma tigela. “‘Descrever’ é especificar um *locus* de significado, construir um objeto de conhecimento e produzir um conhecimento que estará comprometido por aquele ato de construção descritiva (ibidem).” Galib, sogro de Halim, exímio cozinheiro em sua terra natal, tornou-se dono de restaurante à beira do rio, em Manaus, e ali experimentava receitas com ingredientes intercontinentais. Ao mesmo tempo, são frequentes as referências a guloseimas regionais.

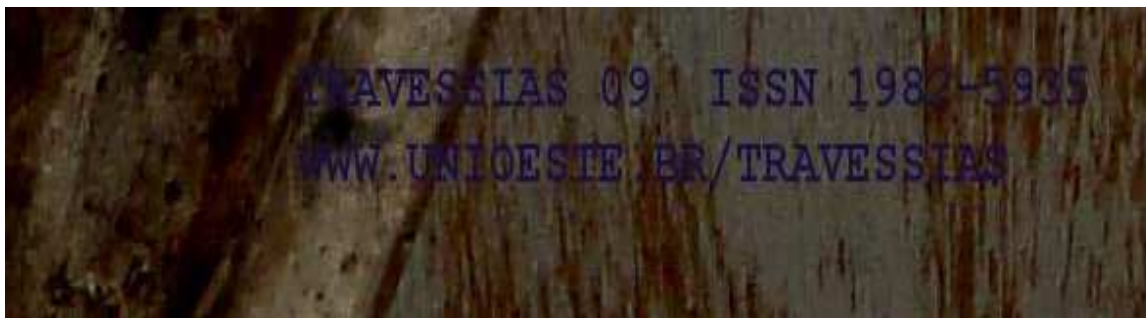
(...) Cozinhava com o que havia nas casas de pedra de Jabal AL Qaraqif, Jabal Haous e Jabal Laqlouq, montanhas onde a neve brilhava sob a intensidade do azul. (...) E quando visitava uma casa à beira-mar, Galib levava seu peixe preferido, o sultan Ibrahim, que temperava com uma mistura de ervas cujo segredo nunca revelou. No restaurante manaura ele preparava temperos fortes com a pimenta-de-caiena e a murupi, misturava-as com tucupi e jambu e regava o peixe com esse molho. Havia outros condimentos, hortelã e zatar, talvez (HATOUM, 2000, p. 47).

Perto do Hotel Amazonas ele parou diante da banquinha de tacacá da dona Deusa, tomou duas cuias, sorvendo com calma o tucupi fumegante, mastigando lentamente o jambu apimentado, como se quisesse recuperar um prazer da infância (HATOUM, 2000, p. 85).

A nora mandava de São Paulo caixas de presente para Halim. Garrafas de arak, latas de tabaco para o narguilé, sacos de pistache, figos secos, amêndoas e tâmaras. Halim, guloso, se refestelava (HATOUM, 2000, p. 95).

A Amazônia visual

O caráter descritivo aparece em “Dois irmãos” como um componente determinante para a progressão textual. Por isso, sucedem-se relatos sobre as peculiares vegetação e fauna, assim como sobre a composição arquitetônica da cidade regida pela *belle époque*, com suas casas em estilo neoclássico, ou do desenho rudimentar de palafitas ribeirinhas.



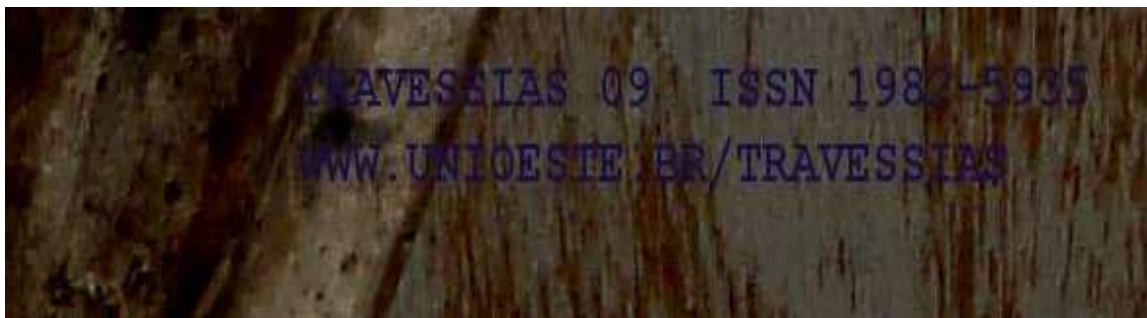
Estelita Reinoso, a única realmente rica, era a mais pão-dura. Seu casarão era um luxo, as salas cheias de tapetes persas, cadeiras e espelhos franceses; os copos e as taças cintilavam na cristaleira, tudo devia ser limpo cem vezes por dia. O pêndulo dourado brilhava, mas o relógio silenciara havia muito tempo circulação (HATOUM, 2000, p. 61).

Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era a hora do alvoreço. O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formam uma teia de circulação (HATOUM, 2000, p. 90).

Hatoum se apropria da estratégia dos cronistas viajantes medievais, com suas narrativas minuciosas e fartamente recheada de registros e de imagens, para reproduzir as cenas nas quais emergem os dramas apresentados no universo do romance. Sobre as crônicas de viagem, Neide Gondim afirma: “O rio é a grande personagem dessa narrativa. Em torno dele gravitam animais, aves, plantas medicinais, minérios e homens. (...) As descrições da natureza e dos costumes indígenas formam um todo harmônico pelo equilíbrio dedicado a cada uma das partes (GONDIM, 1994, p. 98)”. O escritor amazonense bebe dessa fonte.

Caminhamos até o porto da Catraia e embarcamos num motor que ia levar uns músicos para uma festa de casamento à margem do Acajatuba, afluente do Negro. Durante a viagem, Domingas se alegrou, quase infantil, dona de sua voz e do seu corpo. Sentada na proa, o rosto ao sol, parecia livre e dizia para mim: “Olha as batuíras e as jaçanãs”, apontando esses pássaros que triscavam a água escura ou chapinhavam sobre folhas de matupá; apontava as ciganas aninhadas nos galhos tortuosos dos aturiás e os jacamins, com uma gritaria estranha, cortando em bando o céu grandioso, pesado de nuvens (HATOUM, p. 54-55).

(...) O fim da viagem foi horrível. Começou a chover quando o motor passava perto do Tarumã. Uma tempestade com rajadas de



chuva grossa. Tudo ficou escuro, céu e rio pareciam uma coisa só, e o barco balançava muito e saltava quando cortava as ondas (HATOUM, p. 58).

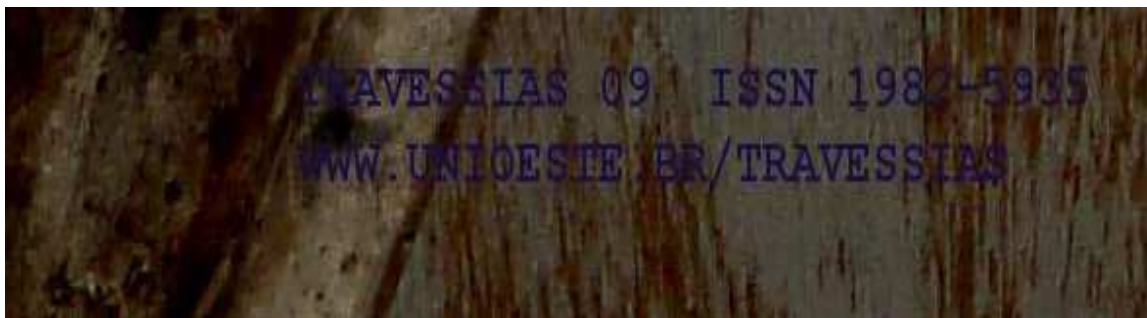
Ao atravessar do extremo oriente para a floresta amazônica, no enredo de “Dois irmãos”, os libaneses de Milton Hatoum se transportam para um novo plano sociocultural e defrontam-se com o inusitado, o estranho, o exótico, com todas as implicações desse choque decorrentes. A construção textual, no entanto, assenhoreia-se dos artefatos linguísticos regionais – o tupi e dialetos árabes – e da visualidade imponente de tal modo hábil, pelo rigor descritivo e pela riqueza de adjetivações, que deixa transparecer o encantamento.

Num espaço em que o homem sobrevive à base de constantes trocas com a natureza, o conjunto formado pelos rios e pela floresta comporta um todo que esculpe o maravilhamento, concebe João de Jesus Paes Loureiro. Na Amazônia, a geografia tem o esplendor da tropicalidade, da qual emana o sentido do sublime, do imedito, da exuberância cósmica.

Talvez nenhum outro conjunto hidro-botânico possa ultrapassá-lo. Nenhum outro encarna, simboliza e exprime com maior diversidade as raras reservas da primitividade insubstituível do planeta (LOUREIRO, 1995, p. 120).

A paisagem amazônica salta aos olhos como se fora uma prestação de contas do ser com o seu mundo. Do forasteiro que se reconhece como parte, por íntimas ligações telúricas. Os rios, afirma Loureiro, constituem uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais. O rio é fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um ethos e um ritmo à vida regional.

Halim alugou um motor e convocou o comandante Pocu: queria vasculhar as beiradas dos lagos e paranás. Passamos semanas navegando em círculos. Saíamos de manhãzinha, contornávamos a ilha Marapatá, atravessávamos o Paraná do Xiborena até a ilha Marchanteria. Depois, já no Solimões, entrávamos no Paraná do Careiro, navegando em arco até o Amazonas (HATOUM, p. 120).



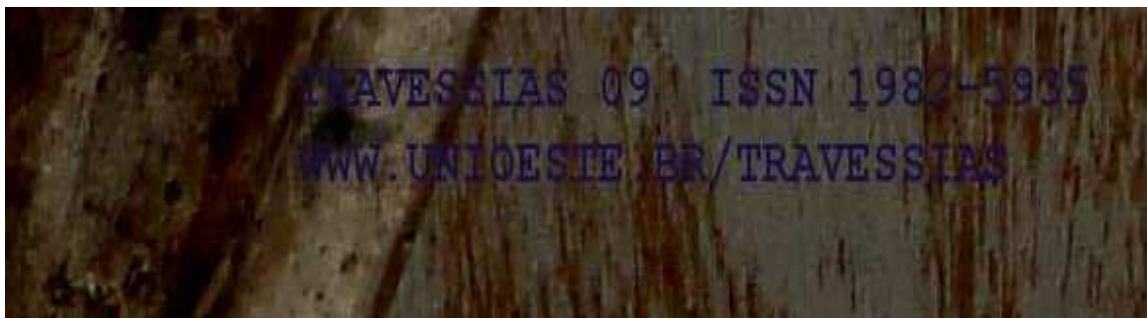
(...) Percorremos toda a costa da Terra Nova, do Marimba, do Murumurutuba...Contornamos os lagos da ilha do Careiro: o Joanico, o Parun, o Alencorne, o Imanha, o Marinho, o Acará, o Pagão...Nem sinal do Caçula. Pocu aproveitava para caçar ciganas e patos selvagens; armava a malhadeira num lago e na volta recolhia os peixes, que vendia depois nas feiras de Manaus (HATOUM, 2000, p. 121).

O erotismo também se apresenta nas páginas de Hatoum de maneira intensa. Devotos cristãos parecem renunciar a dogmas milenares, como que banhados pela grandiosidade da natureza úbere que os cerca, para se dedicar à volúpia num fervilhamento muitas vezes até maior do que aquele atribuído exclusivamente, por preconceitos ou pudores hipócritas, a concupiscentes nativos de espíritos primitivos. “...ela se assustava com o estardalhaço que os patrões faziam na hora do amor, e se impressionava como Zana, tão devota, se entregava com tanta fúria a Halim. ‘Parece que toda a tara do corpo deles aparece nessa hora’, disse-me Domingas, numa tarde em que enxaguava no tanque os lençóis dos patrões (HATOUM, 2000, p. 48).”

Dália, uma das escolhidas do Caçula Omar, tinha uma força que “começava no corpo e crescia no vestido vermelho, mais rebelde, sensual e sanguíneo que o da semente do guaraná”. Até Rânia, a irmã dos gêmeos que optara por se guardar da insaciabilidade dos homens, teve seu momento de licenciosidade nos braços do sobrinho bastardo, Nael, o narrador.

Na tarde de um sábado, quando eu me distraía com os movimentos de Omar, Rania me mandou um recado: que eu passasse na loja para ajudá-la a empilhar caixas de mercadorias no depósito. (...) Varremos e passamos o escovão no assoalho. Ela estava exausta, ensopada, mas ainda quis conferir as mercadorias. Quando se curvou para abrir uma caixa de lençóis, vi os seios dela, morenos e suados, soltos na blusa sem manga. (...) Quando ela se ergueu, me olhou por uns segundos. Os lábios se moveram, a voz manhosa sussurrou, lentamente: “Vamos parar?”.

Ela ofegava. E não se esquivou do meu corpo nem evitou meu abraço, meus afagos, os beijos que eu desejava fazia tanto tempo. Pediu que eu apagasse a luz, e passamos horas naquele suadouro (HATOUM, 2000, p. 154-155).

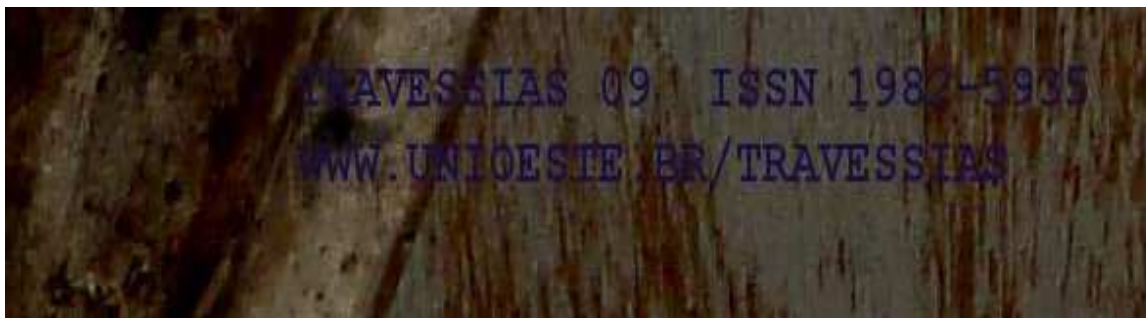


O escritor marajoara Dalcídio Jurandir já explorara essa vertente em páginas literárias de qualidade incontestável. No romance “Marajó”, ao longo do andamento sinfônico e sufocante da paixão de Missunga por Alaíde, a paisagem, além da magia, se erotiza, confunde-se, enrosca-se libidinosa com a ‘cunhantã’ Alaíde – o arisco objeto de desejo de Missunga – e se dilui espermiosamente aos olhos desse ‘voyeur’ caboclo do Marajó (LOUREIRO, 1995, p.119).

Considerações finais

Em seu estudo sobre a formação cultural do povo cubano, Fernando Ortiz afirma que “a verdadeira história de Cuba é a história de suas intrincadíssimas transculturações”. As mutações e as readaptações vão sendo costuradas desde o desaparecimento do índio, por não se adaptar ao impacto da nova cultura castelhana. No momento seguinte, a transculturação de uma corrente incessante de imigrantes brancos. Espanhóis, de culturas diferentes, já desgarrados como se dizia então, das sociedades ibéricas peninsulares e transplantados a um Novo Mundo, no qual, tudo era novo para eles, da natureza à humanidade, e onde tinham que reajustar-se a um novo sincretismo de culturas. Ao mesmo tempo, segundo Ortiz, a transculturação de uma contínua torrente humana, de negros africanos, de etnias e culturas diversas, procedentes de todas as comarcas costeiras da África, desde o Senegal, passando pela Guiné, Congo e Angola no Atlântico, até as de Moçambique, na costa oriental do continente africano.

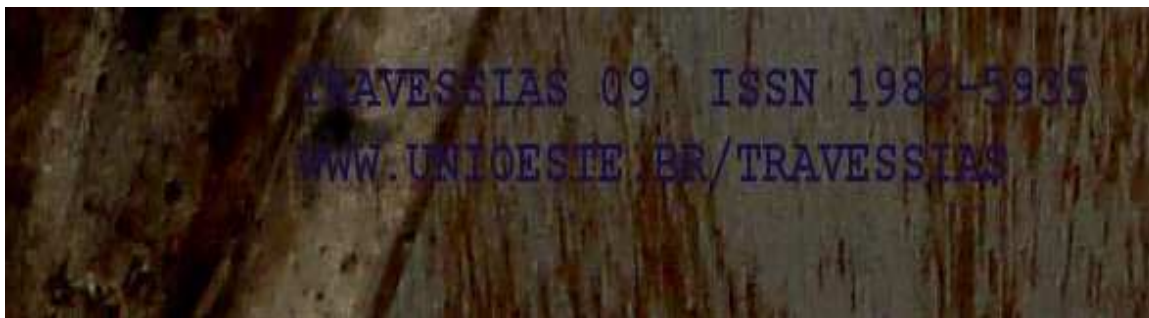
Em “Dois irmãos”, Hatoum expõe uma história familiar como feridas abertas, em que indivíduos são arrancados de seus núcleos sociais originais, com suas culturas destroçadas, culturas migratórias, em ondas esporádicas ou em fluxo contínuo, fluindo ou não. As marcas da identidade amazônica pontuam a narrativa, muitas vezes rompendo até as fronteiras geográficas, como na passagem em que se registra, no romance, a presença da seringueira centenária no quintal da casa de Halim, em Manaus; e a imensa seringueira amazônica na praça da República, notada por Yaqub, no coração da metrópole de São



Paulo. Seduzido por valores externos ou empurrado para a migração por questões alheias à sua vontade, o homem reconstrói os espaços. Vê se estilhaçarem muitas de suas referências, mas trava uma luta diária contra o aniquilamento de sua identidade, em busca constante de uma reconciliação com o seu passado e a história de sua gente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHMAD, Aijaz. *Linbagens do presente – ensaios*. São Paulo, Boitempo, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1996.
- CARVALHAL, Tânia Franco. “Literatura Comparada e literaturas estrangeiras no Brasil”. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. N. 3. Rio de Janeiro, 1996.
- FERNANDES, José Guilherme dos Santos. “Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica? In: *Revista Graphos*. N.2/1, Jun/Dez. João Pessoa, 2004.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo, Marco Zero, 1994.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica – uma poética do imaginário*. Belém, Cejup, 1995.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y azúcar*. La Habana: J. Montero, 1940.
- RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa em America Latina*. Buenos Aires. Ediciones El Andariego, 2007.
- REMAK, Henry H. H. “Literatura Comparada: definição e função”. In: COUTINHO, Eduardo F. E CARVALHAL, Tânia Franco (org.). *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



SOUZA, Solange Jobim e. “Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin: polifonia, alegoria e o conceito de verdade no discurso da ciência contemporânea”. In: *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Beth Brait (org.). Campinas (SP). Editora Unicamp, 2005.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1979..